

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE DEZEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 12

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO... .. 1\$00 SEMESTRE... .. 5\$0

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

COMBOIOS DO ALGARVE

DECIDIDAMENTE em Portugal não se pensa em Turismo.

Ninguém ainda se compenetrou de que ha passageiros que viajam por prazer. Supõem que todos fazem viagens por necessidade, e d'ahi entenderam que uma vez que eles tem obrigação de viajar, tambem tem que aturar todas as exigencias que lhes fizeram.

E' triste, mas é verdade. Os caminhos de ferro do Sul e Sueste, bem no-lo provam.

Presentemente ha para a ridente provincia algarvia apenas um comboio, e esse mesmo nocturno, que será muito comodo para quem tenha que aproveitar os dias, passando as noites a viajar, ou para o serviço do correio; mas mau, até mesmo, pessimo, para quem faça uma viagem de prazer, ou mesmo de negocio, mas que não exija absoluta urgencia.

O Algarve, pediu, supplicou, mais um comboio, e apresentou como argumento, o ter o caminho de ferro que fazer muitos comboios supplementares para o transporte de mercadorias, e d'ahi o poder fazer mais um comboio para o Algarve; tambem foi esse o nosso desejo, aqui manifestado no nosso penultimo numero, e alvitramos o prolongamento do comboio n.º 5 que chega a Beja ás 14-10, até Vila Real de Santo Antonio, servindo-se assim todas as estações com um excelente comboio

diurno. E no regresso um comboio tambem de dia, que chegasse a Lisboa pelas 9 horas da noite.

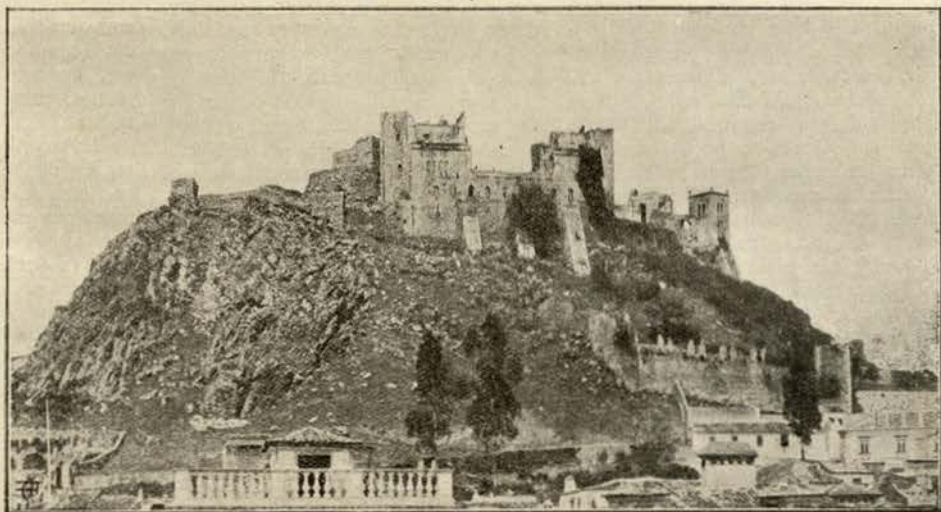
E que fez o Caminho de Ferro? Resolveu atender o pedido, fazendo mais um comboio,—mas tambem nocturno, tanto á ida como á volta!

Quer dizer: um desdobraimento dos actuaes omnibus, com a agravante de excluir d'ele os pobres passageiros de 3.ª classe, até Tunes para os fazer viajar no tal novo comboio, de mercadorias que leva de Lisboa a Tunes apenas 13 horas e 43 segundos...

se não destinem além de Tunes. E os que seguirem de Lisboa, com o mesmo destino (para além de Tunes) no tal novo comboio recebe-os d'ele, em Beja.

Mas ha mais: os dois novos comboios não têm carruagens de 1.ª e 2.ª classe, ou pelo menos o horario não o acusa, e quem quiser utiliza-los com bilhetes d'essas classes, não o pode fazer, tendo que viajar em 3.ª.

Se não tivéssemos aqui presente o cartaz-horario, não acreditavamos que o sr. Director d'aquelas linhas, um distinto engenheiro como é, e o Conselho de Administração, tão zeloso e solícito promotor das comodidades do publico — conto em outro logar d'este



Depois faz andar os passageiros em bolandas; o comboio actual, apezar de dizer o cartaz que passa a só fazer serviço de 1.ª e 2.ª, leva tambem uma carruagem de 3.ª para receber passageiros das estações até Beja, e ahí fa-los passar para o outro, quando

numero o enumeramos — aprovassem um horario d'esses.

E' simplesmente pasmoso.

Quer dizer o Sul e Sueste, em vez de proporcionar comodidades aos seus passageiros, cerceia-lhas.

LEIRIA
O CASTELO
(Vide artigo a pag. 92)

Quer dar-se ao luxo de ter comboios só de 1.ª e 2.ª classe; rápidos... com velocidade de omnibus.

Nós compreendemos, bem o alcance de tal medida; é obrigar os passageiros de 3.ª classe, a pagar bilhete de segunda, o que está perfeitamente justificado, na actual carestia da vida. Que diabo! se está o pão caro, porque não o hade estar o caminho de ferro? E d'ahi talvez a intenção seja humanitaria, obrigar os passageiros a fazer economias, não viajando.

Não nos alongaremos em considera-

ções, apesar de que argumentos não nos faltariam, mas, porque estamos certos, tal serviço não se mantém; não, porque o Algarve, venha em peso a protestar, —os protestos na nossa terra são só para as questões politicas—mas porque os passageiros de 1.ª e 2.ª classe são tão poucos, que, não encherão os lugares escassos das carruagens de 1.ª e 2.ª classe, e a 3.ª voltará novamente a fazer parte da composição, para que o comboio não role vazio.

GUERRA MAIO.

O MISTERIO

DA

LAGOA DE MINDE E MIRA E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuado do n.º 10 (pag. 82)

HA quem considere verdadeiro fundador da sciencia das cavernas a Adolfo Schmidl. Apesar de importantes trabalhos anteriores, a sua obra *As grutas e concavidades de Adelsberg* (Viena, 1854) foi, segundo Martel citado (*Speleologia*, pg. 5), o ponto de partida da *Speleologia do Seculo XX*. Sob o duplo ponto de vista da hygiene pública e da hidrologia, tem a *Speleologia* capital importancia, e por isso se desenvolve o gosto das explorações subterraneas. Quanto á hygiene, por causa das novas noções adquiridas, graças a Pasteur, acerca da contaminação por micróbios das águas potaveis. Quanto á hidrologia, por causa da diminuição geral das fontes e poços, e d'uma secura universal progressiva da parte superior da crusta terraquea. Por isso, desde 1900, se criaram na Italia nada menos de quatro, ou cinco, *Grêmios Speleológicos*, e os poderes públicos na França manifestaram, oficialmente, interesse pelos estudos speleológicos.

Inúmeras cavernas da Terra tem sido exploradas.

Em França, a publicação da Lei, muito tempo esperada, de 15 de fev. de 1902, foi um acontecimento capital, quanto ao amparo da saude publica, por que tornou obrigatoria a protecção das fontes e dos mananciaes (art. 10), proibindo que se lançassem animaes mortos e imundicies nos algares, e aberturas, por onde se escóem águas (*perles*, em frances).

E' conveniente estabelecer um perimetro protector em relação a cada um d'esses fojos. Tratando-se das águas imensas de uma lagoa, que,

como a de Minde, depois de sear cede o campo a intensas culturas e indispensaveis adubos, urge adoptar providencias provisórias, em quanto se não souber, com exactidão, para onde vão as suas águas. No XI.º Congresso de hygiene pública, que se realisou em Bruxelas em 1903, desenvolveu Mr. Martel a tese seguinte, em conformidade com a sua Nota á Academia das Sciencias de 23-12-901. *Em regra, as águas que saem de terrenos calcáreos são, a mor parte das vezes, perigosas, e sempre suspeitas.*

Esta materia leva-nos naturalmente a falar da fluoresceina. Ha cerca de 20 anos, as experiencias de dar cor ás aguas por meio desse produto, no intuito de estabelecer a correlação entre o *samço* e a *resurgencia*, tem dado logar a inúmeros trabalhos, cujos resultados foram (até 1903) consignados n'uma brochura especial de 218 pag. editada por Van den Broeck, no Tomo XVII (1903) da Sociedade Belga de Geologia, sob o titulo: *Estudo das Aguas correntes subterraneas*. Custa cinco francos.—

Quanto a orografia, li na Mem. do sr. Carlos Ribeiro acerca do abastecimento de Lisboa com águas de nascente e rio (Comis. Geolog. de Portugal., Lisboa, 1867, Tip. da Acad. das Scienc.), pag. 67:

«Que a parte da coroa de montes entre Rio Maior e Torres Novas é a testa meridional de uma cadeia de montanhas de calcáreo jurássico, que forma o grupo de elevadas serras, parte do qual existe entre aqueles dois pontos com os nomes de serra de Rio Maior, Molianos, Reguengo, Minde,

e Santo Antonio». — E a pag. 72: «Que, em geral, as nascentes mui volumosas existem de preferéncia nas regiões calcáreas, cujo relévo se levanta a altura sufficiente para desenvolver vastas superficies de apanhamento das águas pluviaes, e poder oferecer uma derivação a essas mesmas aguas por um limitado número de pontos, mas em volumosas massas. Estes pontos são, de ordinario, na origem dos vales, no fundo e flancos destes, e muitas vezes tambem junto ás paredes das fálhas, nas bases dos contrafortes e no seu prolongamento. As pequenas nascentes são mui pouco numerosas nas regiões assim constituídas, e especialmente na parte mais monticulada das serras calcáreas, por que, da água pluvial, que penetra na parte mais superficial do relévo, aquella que não desce para os grandes reservatórios naturaes, transvása-se mui prontamente. E' o que se observa na parte mais alta das serras de Rio Maior, dos Molianos, de Santo Antonio, e de Minde, e bem assim em todo o solo semelhante-mente constituído: donde resulta que a superficie da parte mais elevada do relévo destas serras é escavada, deserta e inhabitavel» (exactamente, observe eu, como a de Minde).—

Por seu turno, o eminente geólogo Mr. Paulo Choffat faz notar, «que não estão ao abrigo da poluição as águas que tem longo percurso em longos canais de massios calcareos. Em tais condições, a infecção pode vir de muito longe e apresentar-se ainda no ponto em que as águas surgem á luz do dia (como nos *Olhos d'Agua*, digo eu), apesar da extensão do seu trajeto. O perigo é particularmente grave no caso que nos occupa (abastecimento de Lisboa), por que as populações da região donde vem as águas tem o costume de desembaraçar-se dos animaes que morrem, mesmo com doenças contagiosas, lançando-os nos algares e fendas das rochas, que comunicam, mais ou menos directamente, com os cursos subterraneos das águas».

As medidas profiláxicas afixadas pelas esquinas farão sorrir os menos ingénuos e mais conhecedores da *collis communis*. *Urge combater a causa originaria do bacilo de Eberth e Graffi*.

O doutor Faisans, presidente da Câmara Municipal de Pau, sob a rubrica *Filtração e Depuração das águas potaveis*, afirma peremptoriamente que, desde 1898, se demonstrou *experimentalmente* que os *Olhos de Neez* não eram verdadeira fonte, mas sim manancial vaclusiano, alimentado por uma derivação subterranea da torrente de Ossau. A cidade de

Pau, que se alimentava com essas águas, teve de procura-las melhores». O relatório do dito presidente é uma excelente exposição dos diversos sistemas de filtragem e esterilização, empregados, até a data em que escreveu, pelas grandes cidades da França e da Europa. (Vide também Dr. Meynier: A febre tifóide e as Águas de St-Claude sur Bienné, Rey editor, Lyão, 1904).—

Para alguns geólogos e hidrólogos os *Olhos de Nees* de Ossau e os *Olhos d'Água* do Alviela terão um ar de família que não engana.

Em quanto experiências com a fluoresceína (sobre este producto vide Wurtz, Dicionário de Química, 2.^o suplemento) não demonstrarem, negativamente, que a Lagoa de Minde não é a mãe do rio Alviela e dos tifos de Lisboa, eu conjecturo *a priori* que sim, por que *ex nihilo nihil*. Os *Olhos de Água*, a 54 metros de altitude, em parte alguma tem depósito mais bem provido que na Lagoa de Minde (cuja cota é de cerca de 200 metros), que tem cavernas inexploradas, e condutos subterrâneos por onde se escoa.

Conjecturo *a priori* que os *Olhos d'Água* do Alviela estão exactamente na condição geológica *averiguada* da maravilhosa *Fonte de Vaucluse*, immortalada por Petrarca.

O sr. Borges de Sousa, acerca da Companhia das Águas de Lisboa, publicou uma brochura, em francês, de 68 paginas in-4.^o e nove estampas, ou gravuras, intitulada: Notícia sobre a alimentação da cidade de Lisboa em Águas Potáveis (Lisbonne, 1900).—

Por essa brochura vê-se que o grande manancial dos *Olhos d'Água* jorra na altitude de uma deslocação transversal terminus da nivelação sul dos calcários do jurássico medio que constitue o massiço da Serra de Santo Antonio.

Diz mais que se alimenta com os vastos reservatórios subterrâneos desses calcários cavernosos, em que se acumula uma parte considerável das águas pluvias que caem sobre a montanha.

Diz mais que a produção diária da dita fonte do Alviela é de 30.000 metros cúbicos e que o trajeto do aqueduto a Lisboa é de 114 quilómetros.—

Diz, finalmente, que, sob o aspecto bacteriológico, as análises, que desde 1893 se tem continuado no *Laboratório oficial*, só tem versado sobre a água quando chega a Lisboa, ou a dois quilómetros a montante, *jámais sobre amostras colhidas na própria nascente*.

Não se ocupa do emprêgo da fluoresceína.

Havendo em Minde-Mira uma Lagoa anual, transitória ou intermitente, de

uns 4 quilómetros de comprimento por uns dois de largo, segundo a estimação de Pinho Leal, lagoa que chega a cobrir árvores altas, e portanto sobe a mais de três metros, lagoa que se enche com as chuvas e seca no verão, porque se não cita esse grande depósito? Com a extensão que realmente tem, um cálculo fácil demonstrou-me que pode conter de 8 a 24 milhões de metros cúbicos de água, que, na

hipótese média (16 milhões) bastariam para prover a dita percentagem de 30.000 metros cúbicos durante 533 dias, se não secasse no estio, exactamente quando a água escasseia Lisboa.— Também é pouco depois de estar cheia que aparecem os tifos. Estes sincronismos tem grande eloquência, a meu ver.

A. ANSUR.

(Continúa.)

O CULTO DAS FLORES

O culto das flores não é de agora. Gente barbara, de tempos tão remotos que se lhes perdeu a data, continha a fúria e a braveza deante de uma linda flor viçosa e odorifera. E graças aos seus famosos jardins suspensos que Babilónia perdura na memoria dos homens. Depois, já em periodo mais familiar á cultura geral, os jardins do Lyceu e da Academia, em Athenas, com as suas avenidas de platanos, ulmeiros e figueiras, substituíram a lendaria maravilha da Mesopotamia. Por sua vez, os jardins de Pompeu, Cesar, Lucullo, Nero e Adriano bateram os seus rivaes da Heliada, até serem vencidos pelos esplendidos parques da Renascença italiana, pelo jardim francez de Lenôtre e pela feliz adaptação britanica do jardim chinez. Quer isto dizer, sem maiores gastos de facil erudição, que o culto das flores não é simples desafogo de desoccupados. Lucullo, é certo, pouco mais fez do que divertir-se e comer bem—comia-se muito bem em casa de Lucullo!—mas Cesar, o grande Cesar, fez coisas do arco da velha, governou a Hespanha, venceu as Gallizas, derrotou Pompeu, constata que não foi invencivel aos encantos de Cleopatra e, apesar de tantos affazeres, ainda lhe chegava o tempo para podar roseiras.

Hoje, o culto das flores acompanha os progressos da civilisação. Um paiz que ama as flores vai perdendo, parallelamente, o amor á guerra. N'uma rosa, n'uma camelia, n'um cravo ou n'um crysanthemo ha um curso de esthetica ao alcance de todos os olhos e de todas as bolsas, e sobre o pobre ou rico, o analphabeto ou o culto, a sugestão ou a influencia moral de uma bella flor é sempre grande. Deante da candidez de uma camelia branca, de uma *alba plena* sem jaça quem pensará em matar?

No clima de Lisboa dão-se bem as flores. Dizem os jardineiros que para estas plantas o clima do Porto é preferivel. Para as rosas, por exemplo,

os ares do Porto são uma delicia. Não contestamos, mas como não é possivel condensar o mundo n'um artigo, demais a mais sem pretenções e escripto ao correr da penna, falemos da capital.

Até ha uma duzia de annos, a paixão das flores era *mania* de poucos. Havia por essa Lisboa muitos *quintaes*, muitos mais do que hoje, mas contavam-se os *jardins*. O encanto diario das flores na mesa de jantar ou nas jarras da sala de muitos, não entrara nos habitos da população. A simples perspectiva do jardineiro de avença ou do gasto com a agua da companhia assustava o lisboeta. «Flores não se comem!» commentava siadamente o chefe da familia.

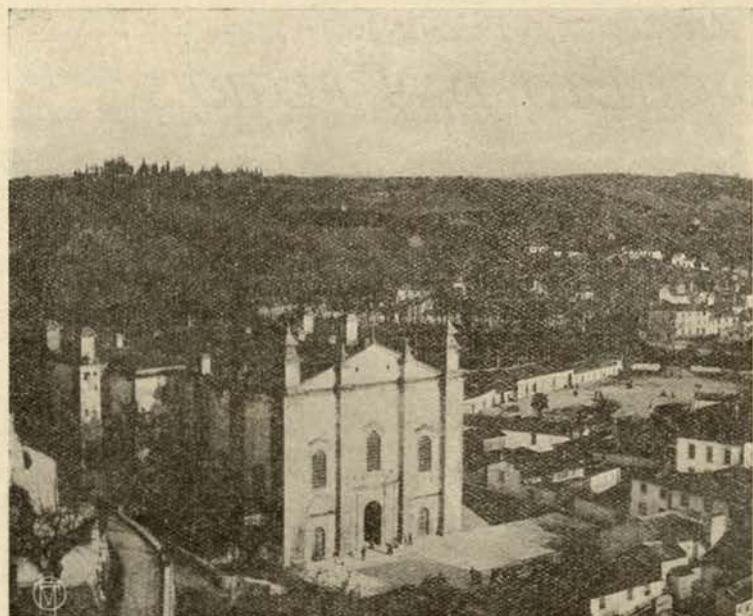
A excepção da camelia de Cintra, accessorio obrigado da todo o penteado elegante, a flor não chegava a ser um commercio. O *bouquet* moderno, obra de arte e de gosto, não existia, e a flor artificial de panno ou de papel triumphava na concorrência. Cravos e lilazes de Nice ignoravam o caminho da Costa Azul a Portugal. Raros por elles dariam o que realmente merecem.

Hoje, as coisas mudaram. Sem falar nos esplendidos jardins Palmela, Praia e outros mais, de gente notoriamente abastada, sem falar nos magnificos exemplares da camara municipal, nos numerosos hortos de reproducção, cruzamento e venda, já se vêem no centro da cidade e arredores dezenas de jardins bem tratados, fazendo realçar as vivendas e pondo na cidade uma nova nota de civilisação e de bem estar. Melhor ainda: em muitas familias a flor faz parte do orçamento domestico e a dona casa, de manhã, ao dar as suas ordens para a praça, diz á criada: «Tanto para isto, tanto para aquilo e o resto para flores».

Não é ainda a adoração do inglez pelas rosas, da franceza pela violeta, pelo cravo ou pelo lilaz, do hollandez pela tulipa ou pelo jacintho, mas já

é alguma coisa, como se prova pelo importante commercio das flores, pela prosperidade dos hortos de reprodução e cruzamento e pela grande quantidade de jardineiros e ajudantes que Lisboa hoje mantém.

Nem pôde dizer-se que o custo das



flores arruine os seus devotos. A flor, em Portugal, na estação própria, é barata. Um vintem por um raminho de violetas communs, dois vintens por um raminho de violetas Príncipe de Gales, é barato.

Tres vezes mais dá uma costureira franceza por elle e mais depressa se privaria de comer, do que renunciaria a um complemento de frescura e elegancia. Tambem as rosas e os cravos, no tempo, não magoam as bolsas modestas. As *primeurs*, sim, são caras, mas tambem os primeiros pecegos e as primeiras couves-flór custam os olhos da cara.

IGNOTUS

Postos de informações nas fronteiras

Foi encarregado o sr. Francisco Jaime Lindsay de Padua Franco, para em comissão gratuita de serviço, estudar e propôr as medidas que para o fim de promover o desenvolvimento do turismo convenha adoptar, quer no sentido de simplificar o serviço fiscal, quer em relação á organização dos aludidos postos de informação nas fronteiras.

LEIRIA

UMA das lindas cidades da Extremadura fica a uma distancia relativamente curta da costa. Atravessa-a o pitoresco rio Liz, cujas margens matisadas pela mais exuberante vegetação desdobram magnificas pais-

anos, mereceu por fim a atenção do governo no sentido de o conservar e reparar. Este monstro de pedra ergue-se altivamente, em gestos de grandeza heroica e agressiva, e em noites de luar, as suas muralhas branquejam imóveis e sobre elas desenhavam-se silhuetas escuras de guerreiros medievais. Ao sudoeste, imminente sobre os campos verdes e rasos do Liz, encontra-se a ermida de Nossa Senhora da Encarnação, toda caiada, ao alto d'uma escadaria já gasta de tantas devotas a subirem, de joelhos, em dia de festa. Mandou-a construir D. Manuel de Menezes, quinto Marquez de Vila Real, nomeado por Filipe II duque de Vila Real. Visitava-se aos sabados, cantando-se sempre a *Vota Pulchra*.

Mas, ha mais. Descendo-se a rampa do Castelo, a meia encosta, entre umas casas pobres e a Sé — onde Eça de Queiroz faz desenrolar a sua imortal obra do *Crime do Padre Amaro* — fica-nos á esquerda o Paço Episcopal, notavel pela sua riqueza e luxo. Hoje, os poderes publicos utilisaram-no para escolas, Normal e Anexa, e para repartições. Junto a este edificio, logo da parte de cima, estende-se a igreja de S. Pedro, hoje em ruina, e em tempos remotos o primeiro theatro da Terra, onde debutavam os amadores e para o qual escreveu Campos Junior, quando sargento. Na baixa, bastante humida e sombria, de ruelas en-

LEIRIA A ANTIGA SÉ zagens. Do lado norte domina-a o antigo castelo mourisco — o mais belo da península, que ameaçando ruina durante alguns



LEIRIA — UM TRECHO DO RIO LIZ

clavinadas, encontram-se varios mosteiros, já enegrecidos pelo tempo. E é n'essas ruas estreitas que muitos forasteiros vão à procura da casa de S. Joaneira, de que nos fala Eça de Queiroz. Os arrabaldes são um encanto. Muito lizos, muito luxuosos, quasi razos, com alguns pendores onde ramalham pinheiros, alguém os comparou já a um avental de tricana, desembrulhado ao acaso. A comparação é bem achada. Em Leiria, as coisas e os panoramas formam-se ao acaso, e ficam sempre maravilhosamente.

Um encanto!

Os seus poetas teem-na cantado em todos os tons. Basta folheá-los, para sentir passar a cidade do Liz em scenografia de opera, em murmurios de agua corrente, solenidades epicas de castelos. Rodrigues Lobo adora-a, desde a fonte quente até ás suas ermidas. O Xavier Cordeiro ainda se viu nas Cortes, com o lençinho ao pescoço, poetando, improvisando, cantando ao som das noras gementes, enlevado n'ela como em doces irmãs. Leiria é uma cidade para liricos em des-terro.

A uma distancia de duas leguas proxima-mente está a Batalha com o seu grandioso monumento mandado fazer por D. João I em memoria da batalha de Aljubarrota ganha contra os hespanhois. É um prodigio de arte gótica—como não se encontra por ahí: as suas altas columnatas, finissimas, ascendem em prece; as suas ogivas enclavinham as mãos para rezar; os vitrais esplendem em sol. Todas as fenestragens, as gargulas, os contra-fortes, soltam um effluvio de religiosa magnificencia. Quem ali vai, torna lá por força. Pasma na Sala do Capitulo, e emudece nas Capelas Imperfeitas.

Para os lados do Sudoeste, a 13 kilometros, fica a Marinha Grande, vila bastante industrial, a Manchester Portugueza: dedica-se exclusivamente à fabricação do vidro. É uma terra progressiva e rica pelas madeiras do

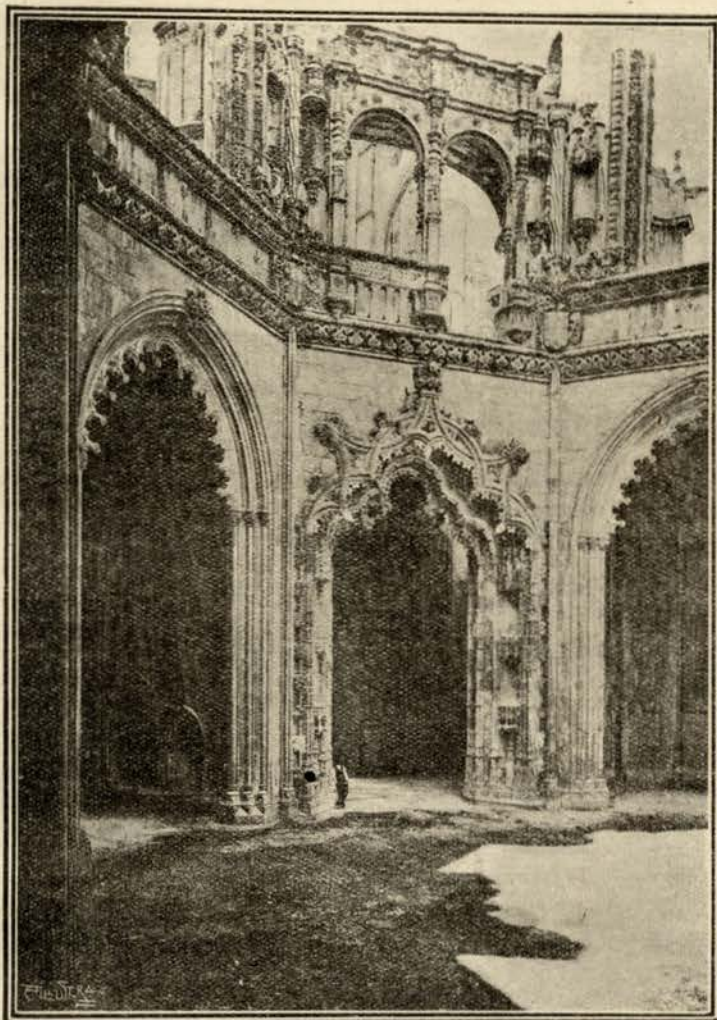
pinhal de Leiria, mandado semear por D. Diniz e que confina com a extremidade occidental. Um pouco além das Cortes, na falda d'uma montanha nasce o rio Liz. Algumas pedras musgosas, aguas crystalinas saltando em borbo-ões, eis tudo. Ha ainda o Lapedo na estrada de Albergaria, um vale pequeno, muito fertil, com algumas grutas ca-

ALFREDO KEIL

ALGUÉM, nos escreve a proposito do Museu Bordalo Pinheiro, de que falámos no nosso ultimo numero, e nos lembra a conveniencia para as nossas parcas curiosidades, que se devia adquirir o museu de instrumentos mu-

sicaes, que pertenceu a Alfredo Keil, hoje de posse dos seus herdeiros, e instala-lo depois n'uma casa propria que bem podia ser o Conservatorio de Lisboa, agora em obras de ampliação.

Efectivamente era uma excelente ideia, pois consta-nos que os herdeiros do grande artista, estão dispostos a desfazer-se d'essa interessante colleção e certamente irá parar a mãos de estrangeiros. E a importancia porque os herdeiros o vendam é tão inferior, que o governo não abalaria o seu orçamento com a sua compra.



BATALHA
CAPELAS IMPERFEITAS E JANELA RENASCENÇA

vadas na pedra das encostas. Os ho- teis da cidade são o Liz e o Central: o primeiro encosta-se ao rio, e o se- gundo fica na baixa.

Ambos teem preços satisfatorios e serviço optimo. Ambos possuem auto- moveis de aluguer, o que auxilia muito o turismo. Faz-se carreira à hora de todos os comboios. Facilmente se pode visitar tambem a cidade de Tomar, importante pelo seu convento de Christo e vida fabril.

Leiria está destinada a vir a ser um grande centro de turismo pela sua optima situação geographica.

EXPOSIÇÃO FUTURISTA

De Amadeo de S. Cardoso

VISITAMOS ha dias esta exposiçào, instalada numa das salas da Liga Naval, ao Calhariz, e a impres- são que de lá trouxe- mos é que de tudo quanto temos visto de futurismo, nada se compára a esta expo- sição em extravagancia e originalidade.

O seu auctòr, em telas cheias de tintas berrantes, provoca a atençào e o pasmo de toda a gente, e deixa-nos preplexos com tal profusão de ideias e de conceitos.

Lá fóra, em muitas exposiçòes que o sr. Amadeo de Sousa Cardoso, tem realisado, tem a sua obra, sido muito apreciada, e alguns dos seus quadros estão já vendidos a colecionadores americanos e franceses.

Cá tambem tem sido muito apre- ciada pela selecta concorença que tem ido à Liga Naval.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

ARTE E LITERATURA

NATAL

DE CONDE DE MONSARAZ

*Natal frio; o vento sopra
Desordenado,
A agua gela nos peços,
E o nevoeiro cerrado
Cega a vista e emperna os ossos.*

*O mar esfarrapa as ondas
Nas penedias,
As fúias levam açoutes;
Noites rudes como os dias,
Dias negros como as noites.*

*Pelas gargantas das serras
Encarquilhadas,
Tragando choças, lavouras,
Gados, troncos, as levadas
Despenham-se ameaçadoras.*

*Mez de Dezembro, horas brancas,
Horas de neve!
As plantas teem arrepios,
E o orvalho muito ao de leve,
Chora dos ramos esguios.*

*Na igreja dá meia noite;
Repica o sino;
Depois da missa do gallo,
Brija-se o pé ao menino
E o povo corre a brija-lo.*

*O altar flanameja entre flores;
Junto ao beccinho,
Sorrindo à gente que passa,
Lá está guardando o seu ninho,
A Virgem cheia de graça.*

*Toca o órgão; que ternura
Nos olhos d'ella,
Vendo o filhinho deitado
Dentro da sua capella,
Gordinho, branco, rosado!*

*E a Virgem sente afflictivos
Presentimentos,
E escuta vozes aziagas,
A d'ella n'esses lamentos
E as dos judeus n'essas pragas!*

*Pobres e ricos do mundo
Todos lá vão
Levar-lhe véias e flores;
Cabem, fazem oração,
De joelhos os pastores.*

*Na rua, meu Deus, que frio
E que negrume!...
Mas nos casebres da oldria,
Ha frio? Que bello lume!
Ha fonte? Que boa ceia!*

*Crianças, de porta em porta,
Sob as gotteiras
Geladas, que desatinó!
Andam cantando as janeiras
Em tomvor do Deus menino.*

*Lá vai, lá vai, raparigas;
Já mal podeis
Cantar, vouquinhas as vozes,
Repletos os saquitos
De fructos, passas e nozes!...*

*Dizem que Nossa Senhora
Desce do altar
E vai, em sonhos dourados,
Dar o menino a beijar
Aos presos e aos entrevados;*

*Leva-o nas dobras do manto,
Chegado ao peito
Por causa do temporal,
Com todo o amor, todo o grito
D'um coração maternal.*

*Mas, como a voz d'un profeta,
O vento norte,
Por onde quer que elle passa,
Entoa pragas de morte
E lamentos de desgraça.*

NA SERRA
DA ESTRELA

A OLDEMIRO CESAR

DE CRUZ MAGALHÃES

*Que misterio és tu, Deus, que assim consentes,
A par de assombros tais da Natureza,
Tanta miséria em nós, miseros entes,
A doença, a maldade e a pobreza?*

*Aqui, entre horizontes portentosos,
A' plena luz dum sol tão refulgente,
Defuham sem cessar tuberculosos!...
Pode o microbio mais que este ambiente?*

*Que panorama rico de beleza!
Ha reverberos fulgidos e brilhos
Nesta Serra, soberba de grandeza...
Mas esmolam milhares dos teus filhos!*

*Tanta agua brota, aqui, desta montanha,
Que faz, lá baixo a terra alagadica,
Mas, quem nos amarguras se despenha,
Muita vez sofre sede de justiça!*

*A luz é tanta que nos fere a vista,
Ao espelhar-se forte na plamira,
Mas ha quem innocente mal resista
Aos horrores d'uma prisão escura!*

*Vem cada dia o sol no firmamento
Por todos espargindo a luz intenso,
E ha quem a não veja um só momento,
Porque fizestes cegos de nascença!*

*Que misterio és tu, Deus, que assim consentes,
A par de assombros tais da Natureza,
Tanta miséria em nós, miseros entes,
A doença, a maldade e a pobreza?!*

UNHAS DA SERRA.

NATAL

NATAL! — Singela palavra que encerra todo o pensamento da humanidade! Adorável poema inspirado à fé catholica, que a Christandade então com o mais fervoroso jubilo, com o mais entusiasmo d'uma apologética crença! Sublime poesia, em que a familia, a sua união, as suas alegrias são consagradas em hymnos festivos, em actos symbolicos, n'esse grande dia, por entre risos de satisfação e lagrimas de enternecimento, com homenagens de indissolúvel communhão na beatitude sacrosanta do mesmo ideal!

— **Natal!** — Na rude traducção d'essa para muitos supersticiosa palavra, ella apenas significa um dia de tréguas, o ensejo para que o Mundo se envolva, uma vez por anno, n'um amplexo amoroso, na maior das consagrações pela instituição da familia; e, assim, na consecução d'este pensamento, essa memorável data é festejada para demonstrar o revivimento do elo sanguineo, n'uma promessa de inquebrável amizade — muitas vezes não pronunciada mas traduzida nas revelações d'esse acto — e, ainda, para afirmar a continuação de dedicações extremas, nas alegrias e nos pezares.

Dentro d'esse dia tão pequeno — pois que elle é o mais curto do anno — tudo cabe, tudo luz, tudo brilha.

Mas se, para alguns simples mortaes, elle é de verdadeiro jubilo pelo que — em seu entendimento — de significativo encerra em si, para outros, para os que constituem a enormissima maioria, elle é o maior, o mais faustoso, o de mais incomparável grandeza. O **Natal** para os catholicos, para a illimitadissima legião dos apologistas da doutrina de Christo, é o momento representativo da mais tocante, da mais attractiva, da mais axiomática verdade do seu dogma. E' nelle que sente insuflar-se-lhe na alma o balsamo sublime da redempção do espirito Divino; que aspira o inebriante perfume da super-hypnotisação dos sentidos, na crença adorável d'uma bem-dita vida. E' n'essa occasião que encontra o estímulo confortante para a lucta quotidiana em prol da desventura; a energia para a dispersão e divulgação das boas obras; a coragem para reprimir os abusos e os vicios; a noção do dever para a manutenção do suave equilibrio dos homens. E', ainda, n'esse augusto minuto da Eternidade que esses — os catholicos — com a mais humilde e sympathica submissão e com o maior fervor de toda a sua crença, procuram purificar-se dos erros que supõem ter commettido, por não

haverem praticado todas as acções que julgam imprescindiveis para continuarem a merecer o favor supremo.

Como é bello tão grande pensamento!

Nas cidades, nas villas e nas aldeias onde a religião asperge os seus beneficios, por toda o Orbe — emfim — onde se encontra um crente, vemos solemnizar-se essa grande data, com manifestações do mais sensível respeito, a que uma ingente alegria própria põe fulgurações de attrahente commoção. Dia de brilho intenso, illuminando grandemente os espiritos para a sua ajustada comprehensão, n'elle se unem os vinculos, se rememoram saudosamente os que a ausencia levou, se felicitam reciprocamente os que a Providencia tornou seus mensageiros. E assim, sob os auspicios d'essa tanta felicidade que dá a união indissolúvel dos laços fraternaes, que nos imana a todos na grandeza da vida, a humanidade rejubila; esquecem-se os agravos, reatando-se as amizades; perdoam-se os males, para que volte o bem; acalenta-se a esperanza, avigora-se o entusiasmo para que a alegria não esmoreça; e de todo este conjuncto surge, com esplendorosa estatura, a Piedade para os infelizes; eleva-se em toda a sua magnitude, a doce caridade para os desprotegidos da Fortuna; cimenta-se indestructível o puro Amor!

JOSE LISBOA

Sendo este o ultimo numero que publicamos este anno, perto d'esse grande dia em que se festeja o Natal, não deviamos deixar de reservar um espaço para lhe fazermos a nossa simples, mas sincera consagração; aproveitando esse ensejo para enviarmos aos nossos leitores, as boas-festas da «*Revista de Turismo*».

EXPEDIENTE

— *Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento da paiz.*

DOIS TURISTAS ILUSTRES

(FABULA LISBONENSE)

DE ALFREDO ANSUR

*Mui rabilonga Dama, de passio
Do antigo Campo de Sant'Ana em vicio,
Disse a um Linco viajor:
«Toda a arvore desmata
Se a plantaram ao pé de umbrosa faia.»
Tem razão, sim senhor,
Diz-lhe o sagaz doutor.
Assi como o Condor
Nos picaros dos Andes, a Aguia é vé-la,
Librando-se nos Cantaros da Estrela!
Por sangue altivo que lhe ucende as veias
Não quer, paredes-meias,
Mochos, corvos, morcegos. Jamais pode
(Ou creias, ou não creias),
Aclinar-se de bonzos em Pagode.
Compadre, dizes bem,
Palavra de raposa,
Que sabe muita cousa.
Não mudou casa de Confucio a Mãe,
Porque ao Filho uns visinhos nao convem?
E a Coimbra todo o Ensino uni rei beato,
Por furta-lo de Herejes ao contacto?
A uni grão de argila perguntou alguma:
E's grão de almiscar, pois cheiras tao bem?
Oh! Não, volve humildosa,
E' que tenho vivido ao pé da rosa.
— Avaliando-se as aves pelo ninho,
(Julga o Linco cordato)
Tal proceder foi sabio e cumesinho.
— O meu bestinto alcança
(Conclue a de focinho),
E sempre ouvi, quando estudei na França,
Que é meio parentesco a visinhança.*

LISBOA, DEZ. 1916.

As nossas paisagens e monumentos no animatographo

ACABA de se fundar no Rio de Janeiro, uma grande empresa de cinematographo, da qual faz parte o antigo empresario theatral sr. Eduardo Victorino, e que se dispõe a cinematographar as nossas paisagens e monumentos.

E' uma iniciativa digna todo o louvor, pois todos os dias vemos nos cinemas vistas de varios pontos da Europa e até da visinha Hespanha, e do nosso paiz nunca vimos nada que pudesse levar aos olhos do estrangeiro o que de bello ha no nosso paiz.

As novas carruagens do Sul e Sueste

E verdadeiramente progressiva a indústria nacional, no que toca a carruagens de passageiros nos nossos caminhos de ferro.

Antigamente importava-se do estrangeiro, todo o material que nos era preciso para as linhas ferreas, desde as carruagens de passageiros até aos vagões de mercadorias. Hoje mercê das bem montadas oficinas

são articuladas, de forma que, levantando-se, ficam escondidas no estofado das costas, sem a menor saliência, e podem assim levar quatro passageiros por banco em vez de trez.

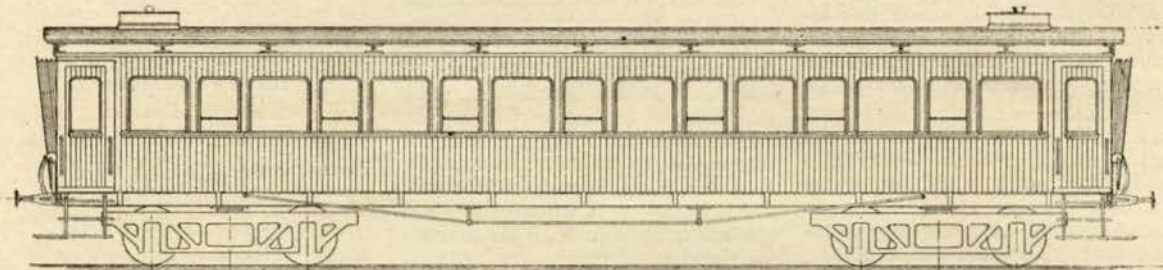
Os compartimentos da 2.ª classe, também muito confortáveis, são revestidos com *sumburoide* verde escuro.

A iluminação é electrica, e as car-

Consta-nos que o digno Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, vai auctorisar a construção de mais carruagens mixtas de 1.ª e 2.ª classe, eguaes á que nos referimos, resolução essa que é digna de todo o nosso aplauso.

«O DEFENSOR»

RAROS são os jornaes que se interessam pelo progresso material do paiz, e nos das provincia raras



NOVA CARRUAGEM MIXTA DE 1.ª E 2.ª CLASSE

anexas aos caminhos de ferro, e da competencia do seu pessoal tecnico, já esse material é cá construido e tão bem acabado como no estrangeiro.

Nas oficinas do Barreiro, tem ultimamente sahido, um sem numero de vehiculos de passageiros, de todas as classes, para as linhas do Sul — não falando no excelente material de via reduzida que ali foi construido para o Minho e Douro — que muito honra pela sua perfeição, a industria nacional.

E agora sahiram duas excelentes carruagens mixtas, de que damos a gra-

ruagens tem duas retretes nos topos uma para a 1.ª e outra para 2.ª classe.

Tambem as antigas carruagens de *bogies* que foram compradas á Companhia de Wagons Lits, foram agora modificadas soffrendo uma transformação radical.

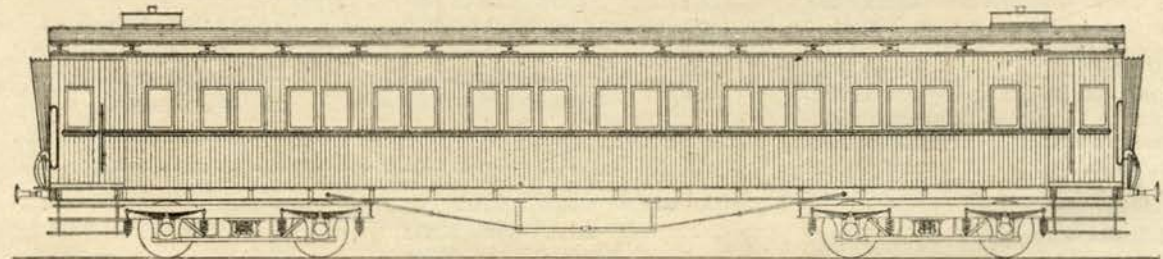
Os compartimentos foram ampliados ficando com 6 logares, ou 8, levantando-se as braçadeiras, como as outras de 1.ª classe, a que nos referimos acima.

Ficaram com 4 compartimentos de

vezes são tratados assumptos que se afastem da politica, pois a malfadada arte de reger os povos, absorve-lhes todas as atenções.

Ha porém um ou outro, mas bem poucos, que vão ligando um certo interesse ao progresso da localidade, e n'esse caso está *O Defensor* das Caldas da Rainha, onde deparamos com um interessante artigo sobre o mau estado das estradas e a lembrar varios alvitres, muito para ponderar.

E' essa tambem a nossa maneira de ver, e já por vezes nos temos referido na nossa revista, que se os ca-



CARRUAGEM DE 1.ª CLASSE E CAMAS AGORA TRANSFORMADA

vura, que são destinadas aos comboios expressos da nova linha do Vale do Sado.

Estas carruagens são assentes sobre *bogies* e tem tres compartimentos de 1.ª classe com 18 logares, e quatro de 2.ª com 32.

Os compartimentos de 1.ª são revestidos de lincustra «Woltan» e «pergaminoide», com guarnições de mogno, e tem em artisticas molduras, vistas do Alemtejo e Algarve e espelhos *bisautés*.

Os assentos e estofos são de *moquette* verde escuro e as braçadeiras,

seis logares, e 3 de trez, podendo estes ser transformados em camas, compondo-se de dois leitos cada um, ou seja um total de seis, cada carruagem.

O revestimento, e decorações é egual ás outras de 1.ª classe.

O corredor, muito amplo, tem duas retretes nos extremos.

Estas carruagens foram revestidas exteriormente de castanho, ficando muito elegantes; e são em numero de quatro, e são destinadas aos comboios nocturnos.

minhos de ferro secundarios, são o complemento das grandes linhas, tambem as estradas são o complemento indispensavel dos caminhos de ferro.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.